

81. Anderson Clayton Nunes Ferreira

DISCURSO DA RELIGIÃO COMO FONTE DE ESPERANÇA

A presente comunicação pretende retratar de duas faces da religião, uma face subjetiva e outra institucional. A religião subjetiva, inerte a individualidade humana, a religião do homem, sem templos, altares ou ritos, limitados ao culto puramente interior do Deus supremo e aos deveres eternos da moral, é a religião pura e simples do Evangelho, o verdadeiro teísmo é aquilo que pode ser chamado de direito divino natural. A outra face da religião é a institucionalizada, oriunda da unidade da fé de um povo, organizada como um sistema, aqui nascem seus deuses, padroeiros, dogmas, ritos e cultos. É a religião dos símbolos em que o comum se torna sagrado, o pão do café da manhã passa a simbolizar o corpo do próprio Deus, o vinho da festa vira o sangue redentor, a pedra de alicerce torna-se altar. Durkheim, além de enxergar a religiosidade individual do homem, em sua obra traz a definição de religião, a vinculada à fé compartilhada socialmente, a um sistema social de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja e todos aqueles que a elas aderem. Sendo assim, vislumbrando os preceitos das duas faces, a face subjetiva é inerte ao espírito que busca esperança, sendo a Fé. A face institucional busca a necessidade de convivência social. Assim a religião pode ser entendida como um ambiente onde a esperança individual é fortalecida e compartilhada.